

FEVEREIRO

Como o nome indica

Algumas espécies dos gêneros *Annona* e *Rollinia*, genericamente chamadas de araticum, agora produzem frutos em abundância, enchendo o ar das matas de um cheiro doce e um pouco 'enjoativo'. Conhecida como coração-de-boi, devido ao formato do fruto, a espécie *Annona cacans* ocorre do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul e é polinizada por besouros. Seus frutos são muito apreciados por primatas – como se deduz por outro de seus nomes: fruta-de-macaco. Aves e répteis também andam em torno dessas árvores de cerca de 25 metros de altura, seja atrás dos frutos ou de presas interessadas nos frutos. Quando o consumo é excessivo, porém, o efeito laxante mostra a razão de ser de um terceiro nome vulgar atribuído à mesma planta: araticum-cagão. Já a espécie *Rollinia sylvatica*, outro araticum da Mata Atlântica, distribui-se entre a Bahia e o Rio Grande do Sul e tem sido empregada na regeneração de remanescentes florestais. Um de seus nomes comuns – quaresma – refere-se ao período de frutificação, iniciado neste mês. Depois de comer o fruto, muitos 'mateiros' experientes guardam as sementes, usadas no combate a piolhos. Já

as folhas servem, na medicina popular, contra úlceras, cólicas, aftas e diarreias.

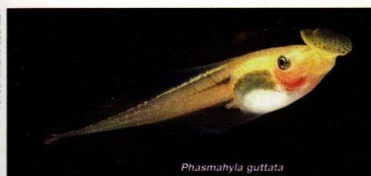


Calor, insetos e tempestades

As chuvas pesadas prosseguem, em quase todo o país, alimentadas pela brutal evaporação dos dias quentes de verão. Sempre que o dia amanhece com sol forte, impondo uma pausa às águas, as nuvens carregadas aparecem ao entardecer, causando apreensão nas cidades impermeabilizadas, sujeitas a grandes enxurradas e enchentes. As árvores plantadas nas ruas fazem o papel duplo de 'mocinhas' e 'vilãs' conforme ofereçam sombra para amenizar o calor ou ameacem ceder ao vento das tempestades. Nas áreas de vegetação preservada, o impacto é menor, porque as gotas de chuva são amortecidas antes de chegar ao chão. Mas os ventos não deixam de causar estragos, sobretudo nas beiradas de remanescentes florestais, onde as árvores estão mais expostas. Entre uma chuva e outra, os insetos saem em busca de alimento – caso das minúsculas abelhas jataí (*Tetragonisca angustula*), produtoras de um mel muito especial – ou aproveitam para se reproduzir – caso dos infernais mosquitos e moscas, que parecem brotar do nada aos milhares. As chuvas fartas só não ocorrem no extremo norte do Brasil, além do Equador, onde agora a estação é seca, e no semi-árido nordestino, onde as águas do céu são naturalmente mal distribuídas.

Bandeira chamuscada

FOTO: ANDRÉ FÉLIX



Phasmahyla guttata

A cantoria dos sapos, rãs e pererecas continua animada nas baixadas úmidas, açudes e pequenas lagoas. Nas restingas do Rio de Janeiro, os machos da espécie *Fritziana fissilis* ainda vocalizam entre as folhas de bromélias, a até 3 metros do chão, procurando atrair companheiras para o acasalamento. Seus filhotes nascem numa bolsa e a fêmea depois solta os girinos na bromélia. Em áreas protegidas do interior

de São Paulo, como os parques estaduais Carlos Botelho e Intervales, os girinos da espécie *Phasmahyla guttata* já povoam as águas dos córregos mais limpos, no interior da mata atlântica. Eles dependem de boa oxigenação, temperaturas estáveis e sombra para sobreviver e preferem as águas encachoeiradas, onde se alimentam de nutrientes em suspensão, com sua boca voltada para cima.



Phasmahyla guttata

Atenção! Recém nascidos na areia

Nas praias da região Nordeste, agora é tempo de vigiar o encalhe de filhotes de peixe-boi (*Trichechus manatus*), espécie reduzida a apenas 500 exemplares, na zona costeira do Brasil. A época de reprodução se estende de outubro a março e devido à alteração dos mangues e estuários, onde as fêmeas costumavam entrar para dar à luz, os filhotes nascem em meio às

ondas. Alguns acabam se perdendo de suas mães e precisam de socorro, que vem dos pescadores e banhistas mais atentos. Nesta temporada três filhotes já foram resgatados e estão se recuperando nos tanques do Centro de Mamíferos Aquáticos (CMA-Ibama), na Ilha de Itamaracá, em Pernambuco para depois serem soltos novamente no mar.



Trichechus manatus
LUIZ BOAVENTURA-CMA/IBAMA

Final de temporada

A combinação da boa pescaria em janeiro não muda muito em fevereiro. A direção e o tempo ainda apontam para o litoral. A diferença é que fevereiro, além do carnaval, para o pescador é a última chance de arrastar as iscas artificiais para atrair o rei dos mares, o marlin azul (*Makaira nigricans*), um dos mais cobiçados peixes oceânicos. A temporada da pesca oceânica, que tem início em setembro, termina em fevereiro. É quando as correntes trazem águas mais quentes, azuis e limpas para mais perto da costa. E, com elas, o marlin azul. Atrás do "rei", o pescador ainda pode fisgar outros peixes de bico, como o marlin branco (*Tetrapturus albidus*) e o agulhão-bandeira ou vela (*Istiophorus albicans*). Também pode encontrar grandes cardumes de dourado-do-mar, outro peixe oceânico muito cobiçado. Mas quem não quer ou não pode navegar 30 e até 60 milhas à procura dos grandes peixes oceânicos, ainda é tempo das pescarias nas encostas, baías e estuários. Neste caso, a variedade é enorme. Olhetes e olho-de-boi, pescadas, vermelho, xaréus e robalos são apenas algumas das espécies que podem ser encontradas. Quanto à pesca em águas interiores, é importante conferir a quantas andam as chuvas de verão no local escolhido, por causa das enchentes. E, o mais importante, as restrições relativas ao período de defeso da piracema. Nesta época, só é permitido usar linha de mão, vara, caniço simples, molinete e caretilha. Em muitas bacias, a pesca ainda está fechada até o final desse mês. No estado do Mato Grosso, por exemplo, só é permitida a pesca desembarcada. Mas como datas e condições diferem de bacia para bacia, a dica é acessar as Instruções Normativas no site do Ibama (www.ibama.gov.br/pescaamadora). Só assim você diminui o risco de perder a viagem. Daí é contar com a sorte.

LIANA JOHN E MARAÍSA RIBEIRO